

IV COLÓQUIO
SOBRE HISTÓRIA DE LEIRIA E DA SUA REGIÃO
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

TEMA E TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

NOBRE, Cristina, **O espólio epistolográfico de Afonso Lopes Vieira depositado na Biblioteca Municipal de Leiria Afonso Lopes Vieira [BMLALV]. O conjunto documental de Augusto e Leonor de Castro Guedes Rosa.**

RESUMO:

Pretendo fazer uma apresentação generalizada do vasto conjunto epistolográfico depositado na BMLALV, chamando a atenção para a importância do mesmo para uma história da cultura e da literatura portuguesas contemporâneas, e referindo a falta de tratamento adequado do mesmo.

Selecionarei desse espólio epistolográfico um conjunto documental de mais de uma centena de textos epistolográficos, entre cartas, postais e cartões, datáveis no período de duas décadas, entre 1911 e 1933, manuscritos autógrafos inéditos, dirigidos por Afonso Lopes Vieira ao casal Augusto e Leonor de Castro Guedes Rosa. Transcreverei este espólio diplomaticamente e tratá-lo-ei cronologicamente e tematicamente, evidenciando as linhas de força marcantes nesta correspondência que atravessou duas décadas do século XX.

Cristina Nobre.

S. Pedro de Moel, 30 de Julho de 2001.

**O espólio epistológico de ALV depositado na Biblioteca Municipal de Leiria
— o conjunto documental de Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes
Rosa.**

Cristina Nobre

1. O espólio epistológico de Afonso Lopes Vieira na BML.

Entre os vários e variados documentos — autógrafos inéditos manuscritos, dactiloscritos, manuscritos de terceiros, fotografias, documentação epistolar numerosa e variadíssima, além de uma livraria completa e de alguns utensílios e adereços do escritor — que constituem o espólio de Afonso Lopes Vieira, depositado na Biblioteca Municipal de Leiria, e são provenientes de mais do que uma fonte (testamento do próprio autor, doações diversas, aquisições recentes da Biblioteca)¹, tenho dedicado ultimamente especial atenção ao género epistolar. Esta focagem em textos que, à partida, parecem apresentar-se marginalmente à instituição literária não é meramente fortuita nem se justifica apenas por uma conjuntura favorável a este tipo de estudo.

Durante o processo da minha investigação de ordem académica sobre Afonso Lopes Vieira, pude manusear documentos cujo estatuto não-literário é sobejamente conhecido, mas que têm uma importância fundamental para o estudo verdadeiramente contextualizado da literatura, tal como se voltou a fazer nos nossos dias. A imersão no contexto cultural próximo do autor — nesta perspectiva — só pode enriquecer e ajudar a compreender a complexidade de uma obra, a cuja construção permanente acabamos por assistir e na qual colaboramos como investigadores de um (cada vez menos) secreto mundo *post-mortem*. É chegado, pois, o momento de se tornarem públicos alguns documentos inéditos — e este IV Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região, ainda para mais dedicado à época contemporânea, pareceu-me o local e o momento adequados para se dar a conhecer a importância de alguns textos, cujo estatuto paraliterário (a meio caminho entre a vida efectivamente vivida e a expressão que representa esse real ou discorre sobre o ficcional) os torna especialmente valiosos para vários campos de investigação.

A geração de ALV — das últimas décadas do século XIX ao primeiro quartel do século XX — usufruiu plenamente de uma cultura literária no sentido clássico do termo, isto é, de uma cultura em que a literatura e as humanidades em geral ocupavam ainda um lugar central e hegemónico. Não é, pois, de admirar que toda essa geração tenha escolhido a

¹ A história da constituição do espólio de ALV está, em grande parte, por fazer. No entanto, espero poder contribuir de algum modo para um conhecimento mais aprofundado do assunto com as informações que consegui reunir durante a investigação levada a cabo para a dissertação de doutoramento, bem como com algumas ilações tiradas dos poucos factos documentados e dos insuficientes registos conhecidos.

correspondência com os seus congéneres como um modo de criar, de manter, e de fortalecer laços interpessoais e correntes ideológicas; uma maneira expedita de expressar novas ideias e de reflectir crítica e dialogicamente sobre uma contemporaneidade em permanente evolução.

1.1. Os XIV vols. das *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso L. Vieira.*

Para quem desconheça o lugar central desempenhado por ALV no panorama literário do seu tempo e da sua geração, bastará lembrar a volumosa, rica e variada correspondência que manteve com a elite cultural do tempo, tanto portuguesa como estrangeira. Daí que os XIV grossos volumes, em que se encontra arquivada a correspondência recebida por ALV, na BML — *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira [Cartas [...]]* — representem um manancial de trabalho altamente significativo para o estudo das mentalidades entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX.

Todos os volumes se encontram primorosamente encadernados, contendo o *ex-libris* do búzio e da vieira, com a legenda petrarquista *or piango or canto*, o que nos demonstra que ALV os quis transformar em parte integrante da sua obra. De qualquer modo, a organização que se pode descortinar nesta correspondência mostra-nos que houve algumas oscilações quanto aos critérios adoptados, o que parece indiciar que, dado o número imenso de cartas, o arquivo se foi ordenando segundo uma via essencialmente cronológica (iniciando-se o vol. I com a correspondência de finais do séc. XIX, e fechando o vol. XIV com os anos 40 do séc. XX), em que, por vezes, se mesclou uma via temática (correspondência sobre a poesia *Ao Soldado Desconhecido* ou *O Romance de Amadis*, no vol. VI; sobre a revista *Lusitânia*, no vol. VIII; predomínio da correspondência com membros do "Integralismo Lusitano" nos vols. IV e VII), uma via de género e nacionalidade (predomínio da correspondência com mulheres nos vols. III e VII; predomínio da correspondência com personalidades estrangeiras no vol. VII), ou uma via artística (correspondência com músicos, sobretudo no vol. V).

Os volumes compõem-se de cartas, que têm como destinatário primeiro ALV, de autógrafos, na esmagadora maioria manuscritos, de ofícios ou notas oficiosas, quase sempre dactilografados, separados por cartões manuscritos, numerados, com os nomes dos respectivos destinadores. No final de cada volume há um índice, também manuscrito, com a respectiva numeração e os nomes dos autores das epístolas incluídas. No vol. VI das *Cartas [...]*, pode ler-se uma nota autógrafa de ALV:

"Esta colecção de cartas e outros escritos, em seis volumes (1923), foi organizada pela minha boa e querida amiga, a senhora D. Leonor de Castro Guedes Rosa. § Dez. 1923 § AffonsoLV."

Através desta indicação, ficamos a saber que a amizade que nutria pelo casal, Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes Rosa, se compunha de um misto de admiração e de aprovação, e só assim se pode entender que tenha delegado em D. Leonor uma tarefa como esta, que passava pela revelação e exposição de grande parte da sua intimidade. Para todos os efeitos, Leonor Rosa faz o papel de destinatária secundária, logo a seguir a ALV, posicionando-se antes da nossa leitura crítica, como intermediária que manuseou a informação deixando-a apta a ser lida por terceiros. Este papel não é de menosprezar, e apenas lhe faço uma breve referência enquanto não tomar o peso que merece no meu plano de investigação. No entanto, um perfil histórico e biográfico de D. Leonor Rosa deveria tomá-lo em consideração, bem como um estudo crítico das *Cartas* [...]. Aliás, na correspondência entre ALV e D. Leonor Rosa, há alusões claríssimas a este trabalho de organização, confiado à grande amiga (sendo esta, por sua vez, auxiliada por outras senhoras), que deve ter-se alargado também aos postais, alguns dos quais se encontram no espólio da BML.

Assim, várias são as referências elucidativas ao assunto que poderemos encontrar na correspondência entre ALV e esta senhora. Todas revelam bem como a organização das cartas preocupou ALV nos seus últimos anos, sobretudo se tivermos em consideração a idade seguramente avançada da sua benemérita ajudante:

"[...] A amizade de V. E. é em verdade uma obra de arte, e, como tal, perfeita no conjunto e nos pormenores. Temo e pesar-me-ia imensamente q. a vista de V. E. sofra com o escrever-me e com o trabalho dos meus papéis. Isso dar-me hia remorsos e far-me hia desejar apenas rápidos bilhetes em vez de conversas tão interessantes. [...] Peço a V. E. apresente os meus melhores cumprimentos e agradecimentos às gentilíssimas Senhoras q. a ajudam na tarefa das cartas [...]" [BML, A115, n.º. 33550, 21 de Julho de 1925 (?)];

"[...] Só agora vi e admirei a classificação dos postais. Sempre primoroso o génio da ordem, e a tão bela amizade q. nestes casos o inspira. [...]" [BML, A115, n.º. 35572, 6 de Julho de 1930].

"Quereriamos ter noticias de Soror formiga da Sé, pois q. êste silencio já pesa. De frei Afonso dos Búzios nada para dizer q. valha a pena de ser lido. Dias pouco rendosos para a alma e bocejantes para o corpo. Trabalho quasi nulo. Irão mais cartas, entre as quais as de V. [iana] da M. [ota]. Sôbre o serão, para o novo volume. Peço duas palavras q. nos tranquilizem e nos matem (por um instante) as saudades de L. § A." [BML, A115, n.º. 33534, 25 de Agosto de 1933].

Conjectura-se que os vols. VII e VIII tenham sido organizados pelo próprio ALV, que deixou ainda indicações (como a numeração das cartas e um pequeno índice) para a organização do vol. IX. No entanto, este volume já foi completado por funcionários da BML, depois de este espólio ter passado oficialmente a pertencer-lhe, em 1955². Assim, toda

² Para a história da doação da biblioteca de ALV à Câmara Municipal de Leiria [CML], é importante ler o n.º. 5 dos Cadernos Culturais da CML — *A Biblioteca Municipal Dr. Afonso Lopes Vieira e o 25.º aniversário da morte do grande poeta leiriense, Discursos e Notas* — CML, sd. Das palavras do Dr. Américo Cortez Pinto aí transcritas, onde se faz a "História da Biblioteca" [pp. 19-28], ficamos a saber que a decisão de doar a sua biblioteca — já enriquecida com a que tinha herdado do tio, Rodrigues Cordeiro — à cidade de Leiria, foi tomada por ALV, num dia de Fevereiro de 1944, e que escolheu o seu amigo Cortez Pinto para depositário da sua vontade e intermediário do seu legado. A

a organização de grande parte do vol. IX ao XIV foi feita postumamente, e por pessoas cujo contacto com ALV não tinha sido directo. Nesses volumes tentou repetir-se a organização encontrada nos vols. anteriores, como a manutenção de uma secção para correspondência de estrangeiros, mas, grosso modo, nem a própria linha cronológica é mantida, o que nos faz ver estes volumes como um simples arquivo da correspondência de ALV ainda por tratar, à data da doação do espólio à BML.

1.2. O tratamento crítico da epistolografia.

Com ou sem o consentimento tácito de ALV, a verdade é que estes XIV volumes, acrescidos de um grande número de outros postais avulsos que se encontram no espólio³, revelam uma larga e substancial fatia da História das ideias, das mentalidades e da estética do final do século XIX e da primeira metade do século XX e, sem precisar de mais razões, mereciam uma investigação aturada e uma divulgação por áreas de interesse. A catalogação destes materiais está por fazer e muito pouca correspondência foi publicada. Até ao momento, todas as informações que consegui reunir resumem-se às publicações que se discriminam a seguir.

Uma, provavelmente a primeira e de carácter muito restrito, foi feita num jornal periódico, *Novidades* [BNLx., cota J. 4161G.], na sua secção dominical, denominada "Letras e Artes", por Frederico José Peirone, que se propunha estudar este valioso espólio, imediatamente a seguir a revelá-lo ao público leitor (sendo, então, constituído apenas pelos VIII vols., que já se encontravam definitivamente organizados). No entanto, acabou por seleccionar apenas correspondência mais significativa de cinco autores — Teófilo Braga: em 22 de Janeiro, 19 de Fevereiro e 15 de Julho de 1956 (do vol. I, sob o n.º 2); António Feijó, Trindade Coelho e António Correia de Oliveira: em 28 de Outubro de 1956 (do vol. I, sob os

doação foi tornada efectiva após a morte de ALV, em 25 de Janeiro de 1946, mas, por variadíssimas questões burocráticas, a menor das quais não terá sido a dificuldade em arranjar uma sala que permitisse manter os volumes nas estantes originais, tal como se encontravam na casa do Largo da Rosa, só em 30 de Abril de 1955 se reuniram as condições que permitiram a inauguração oficial da Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira [BMLALV]. Todos os volumes (cerca de 8000, da livraria de ALV e 4000 adquiridos pela CML) têm o *ex-libris* de ALV — o búzio e a vieira, alusiva ao seu apelido de família, e a legenda petrarquista *or piango or canto*. À data da inauguração fazia-se apenas referência a XIII volumes das *Cartas [...]*, estando só VIII à disposição do público.

³ Muitos são os envelopes que se encontram no espólio da BML com postais para ALV, enviados por personalidades da época. A título de exemplo, referimos Leonor e Augusto Rosa, Raul Lino, Vieira Natividade, Acácio de Paiva, António Correia d'Oliveira, Alberto de Oliveira. Até ao momento, raras foram as divulgações ou publicações destes textos, e a catalogação do conjunto epistolar não está ainda terminada. Acresce que nenhum deste material está reproduzido em micro- -filme ou outro processo de conservação dos registos escritos, como a digitalização, que façam face à deterioração dos materiais. Quanto às *Cartas [...]*, a reprodução em micro-filme só existe até ao VIII vol. A única referência que encontrei, até ao momento, sobre esse assunto, encontra-se na Acta da Reunião n.º 20 da Câmara Municipal de Leiria, de 15 de Maio de 1981, onde se pode ler: "MICROFILMAGEM DAS CARTAS DE AFONSO LOPES VIEIRA § A Câmara, por unanimidade, autorizou que se proceda à microfilmagem das cartas de Afonso Lopes Vieira existentes na Biblioteca Municipal, encarregando o seu Director da execução do respectivo trabalho." (p. 12; p. 282 do ano de 1981).

n.ºs. 14, 17 e 21); e D. Carolina Michaelis de Vasconcelos: em 27 de Janeiro e 12 de Maio de 1957 (do vol. II, sob o n.º. 1).

No n.º. 5 da revista *Colóquio/Letras*, de Janeiro de 1972, Luís Amaro deu a lume, com interessantes anotações, 5 cartas e 2 postais de ALV para Agostinho de Campos. Em Maio de 1977, no n.º 37 da mesma revista, Castelo Branco Chaves publicava uma "Carta inédita de Manuel Teixeira-Gomes para Afonso Lopes Vieira", comentando largamente as circunstâncias envolventes. Outra publicação, de carácter mais abrangente, foi feita por Aníbal Pinto de Castro, em apêndice ao seu texto comemorativo da Exposição do Centenário do Nascimento de ALV, "Coimbra no Pensamento e na Obra de ALV" [1979, separata do *Arquivo Coimbrão*, vol. XXVII-XXVIII, pp. 5-91]. No apêndice II encontra-se toda a correspondência de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos para ALV presente nas *Cartas [...]* (pp. 55-81), e no apêndice III, encontram-se duas cartas de Mendes dos Remédios para ALV, também das *Cartas [...]* (pp. 90-1). Foi Pinto de Castro quem iniciou, neste mesmo texto, a publicação de correspondência de ALV com personalidades da época — para o editor França Amado (apêndice I, pp. 33-53) e para Mendes dos Remédios (apêndice III, pp. 83-90). Estes originais de ALV pertencem, respectivamente, a Francisco França Amado e a Mário Brandão.

Em Novembro de 1977, Seabra Pereira tinha publicado uma "Carta de Manuel Laranjeira para ALV" na revista *Colóquio / Letras*, n.º. 40, pp. 57-9. Em Novembro de 1961, no *Diário de Lisboa*, n.º13983, tinha sido publicada uma carta inédita de ALV para Raúl Brandão, de 5 de Novembro de 1918. Em Junho de 1961, no *Diário Popular*, n.º. 6708, tinha também sido publicada uma carta inédita de ALV a Trindade Coelho, não datada.

Na série I, vol. 3, n.ºs. 1 e 2, de Jan. a Dez. de 1983, pp. 153-74, na *Revista da Biblioteca Nacional*, Reinaldo Varela Gomes, num artigo intitulado "ALV versus A. Sérgio Pró-Lusitânia. Oito cartas e dois postais escritos pelo historiador ao poeta leiriense — 1922-1924.", transcrevia e comentava 8 cartas e 2 postais escritos por António Sérgio e enviados a ALV, correspondência essa que faz parte do espólio da BML. O mesmo autor volta a publicar uma dessas cartas (que aparecia no artigo citado como Carta VII) sobre a revista *Lusitânia* no *Jornal de Letras*, n.º. 83, de 7 de Fevereiro de 1984, p. 22.

Em 1989, com a constituição do Museu Nacional do Teatro, Vítor Pavão dos Santos, à altura director do referido Museu, selecciona e anota cuidadosamente um volume de correspondência intitulado *A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro (1921-1974)*, em cujo "Post-scriptum" se fazem referências várias a episódios circunstanciais e à amizade entre Amélia Rey Colaço e ALV, importantes para perceber na totalidade as alusões ao assunto na correspondência trocada entre os dois, e que se encontra transcrita nas pp. 43-58, retratando os anos de 1915 a 1941.

Em 1993, o estudioso espanhol J. M. Monterroso Devesa publica algumas cartas enviadas por ALV ao pintor galego Álvaro Cebreiro, num artigo intitulado "Galiza em Portugal — II. A correspondência de Afonso Lopes Vieira para Álvaro Cebreiro" in *Agália*,

33, pp. 47-51. Em 1996, durante o III Colóquio sobre a História de Leiria e da sua Região, José Bettencourt da Câmara, em artigo intitulado "As Cartas de Vitorino Nemésio a Afonso Lopes Vieira" (vd. *Actas*, 1999, vol. II, pp. 279-287), discorre sobre a relação epistolar e literária entre ALV e Nemésio, transcrevendo alguns excertos dessa correspondência. Também eu, no referido colóquio, em artigo intitulado "O espírito literário da Casa de S. Pedro" (*idem*, pp. 289-307), me referi às trocas epistolares entre ALV e o casal Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes Rosa.

Em 2001, publiquei *Um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência e autógrafos (1909-1945) de Afonso Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos*, volume que abre a colecção "Biblioteca Afonso Lopes Vieira", da responsabilidade da Câmara Municipal de Leiria e do Serviço de Leitura Pública por esta promovido que, no dizer de Ângela Sagueiro Pereira, bibliotecária responsável, pretende *divulgar uma parte valiosa da herança bibliográfica que alguns escritores leirienses deixaram à sua terra natal*.

Este panorama não é o ideal, mas mostra, por um lado, que os estudiosos sempre se têm servido do largo manancial de informação guardado na correspondência como uma fonte bibliográfica fundamental e indispensável e, por outro, que o interesse e a vontade de divulgação destes materiais tem aumentado, reflectindo uma política de valorização do património cultural regional e nacional.

2. O desafio de divulgar este pequeno mundo na solidão...

Debrucemo-nos agora com atenção particular sobre os XIV volumes das *Cartas* [...]. Bastar-nos-ia abrir o vol. I para ficarmos elucidados com os nomes, prestigiados e perfeitamente enquadrados num cânone da cultura finissecular portuguesa, com os quais ALV se correspondia: Bulhão Pato, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Joaquim de Araújo, Xavier da Cunha, Henrique Lopes de Mendonça, Conde de Monsaraz, Alberto Osório de Castro, Manuel da Silva Gaio, Alberto de Oliveira, Trindade Coelho, Eugénio de Castro, Júlio Brandão, Júlio Dantas, António Correia d'Oliveira, D. Tomás de Noronha, Carlos de Mesquita, Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, Fausto Guedes Teixeira, Humberto de Bettencourt, Vicente Arnoso, Lourenço Casal Ribeiro, Raúl Proença, Marques da Cruz, Augusto Casimiro, Mário Beirão, João de Lebre e Lima, Augusto de Santa Rita, entre outros menos sonantes, perdidos na distância secular que se encarrega de seleccionar as memórias da vida.

Espalhados pelos outros volumes, encontram-se nomes como os de Carolina Michaelis de Vasconcelos, Antero de Figueiredo, Conde Sabugosa, Carlos Malheiro Dias, Aquilino Ribeiro, Manuel Teixeira Gomes, António Sérgio, João de Deus Ramos, Ana de Castro Osório, Fernanda de Castro, Agostinho de Campos, Sampaio Bruno, Aarão de Lacerda, Augusto de Castro, Alfredo Guimarães, Alberto Pimentel, João Ameal, Luciano Pereira da Silva, Mendes dos Remédios, Manuel Laranjeira, António Sardinha, Pequito

Rebello, Hipólito Raposo, Luiz de Almeida Braga, Manuel Múrias, João de Castro, Veiga Simões, Vianna da Motta, Ruy Coelho, José de Figueiredo, Reinaldo dos Santos, Jaime Cortesão, Vitorino Nemésio, Nuno de Montemor, Marques Braga, Joaquim de Carvalho, Ricardo Jorge, Jaime Magalhães Lima, Martinho Nobre de Mello, José Maria Rodrigues, Raúl Lino, Ernesto Korrodi, Leitão Barros, António Lopes Ribeiro, Acácio de Paiva, Amélia Rey Colaço, Matilde Bensaúde, António Ferro, Augusto Casimiro, Henrique de Paiva Couceiro, Hernâni Cidade, Afrânio Peixoto, Jaime Martins Barata, José Pereira Dias, Mário de Albuquerque, Moraes Sarmiento, Rebello Gonçalves, Providência e Costa, juntamente com ilustres estrangeiros amantes da cultura portuguesa como Menendez Pidal, Aubrey Bell, Philéas Lebesgue, Marcel Bataillon, ao lado de tantos, tantos outros (uns que deliberadamente ignorámos; outros que o próprio ALV terá decidido eliminar, por os considerar de valor estético nulo, ou outras razões selectivas hoje definitivamente perdidas...) que iluminam e contextualizam a nossa percepção da figura literária de ALV.

Com um estatuto claramente paratextual⁴, esta correspondência é indispensável para restituir a intimidade de ALV a uma dimensão de homem público, na sua proporção correcta e desapaixionada. Ela é o reflexo do exterior no recolhimento e na intimidade da sua obra; é a parte residual de uma escrita literária, pelo efeito que produz nos outros; é a revelação de um *horizonte de expectativas* que cercou, limitou e ainda hoje ajuda a explicar em grande parte a produção de ALV, pois foi o contexto dialogante com o qual o autor se relacionou. O facto de ALV ter pensado numa organização para os volumes das *Cartas [...]*, o que pressupunha a previsão e a aceitação de uma relação com o público leitor vindouro, é apenas um indicador do valor que o escritor dava aos testemunhos dos seus contemporâneos, o seu próprio retrato num *puzzle* arquitectado pelos *homens livres* do seu tempo, intelectuais do xadrez cultural português.

Só um estudo de equipa na área da Sociologia da Literatura poderá percorrer capazmente estes XIV volumes e revelar-nos outros rostos de ALV, tal como ele foi visto na intimidade da sua época, por cada homem e mulher, novos e velhos, ao abrigo de um sigilo epistolar, que continua à espera de ser quebrado. Este campo de investigação ajudar-nos-á muito a ler ALV na complexidade de homem do seu tempo e a perceber as relações do escritor com a vida cultural do seu país, tanto no plano nacional como internacional, redimensionando o rosto a dar a esta figura literária.

⁴ Vd. Gérard Genette, com o ensaio *Seuils*, onde dá uma definição de *epitexto privado*, de que nos socorremos aqui: "Ce qui distingue l'épitexte privé de l'épitexte public n'est pas exactement l'absence de visée du public, et donc d'intention de publication: bien des lettres, bien des pages de journal sont écrites dans une claire prescience de leur publication à venir, et l'effet qu'exerce sans doute cette prescience sur leur rédaction n'entame pas leur caractère privé, voire intime. Ce qui définira pour nous ce caractère, c'est la présence interposée, entre l'auteur et l'éventuel public, d'un destinataire premier (un correspondant, un confident, l'auteur lui-même) qui n'est pas perçu comme un simple médiateur ou relais fonctionnellement transparent, une 'non-personne' médiatique, mais bien comme un destinataire à part entière, à qui l'auteur s'adresse pour lui-même, fût-ce avec l'arrière pensée de prendre ultérieurement le public à témoin de cette interlocution. [...]" (Genette, 1987: 341).

O desafio está lançado há muito e tem tido respostas episódicas e pontuais — resta-nos encontrar e criar condições para que a tal equipa especializada possa realizar o arrojado e pesado projecto de transcrever, publicar, seleccionar e estudar, crítica e analiticamente, as *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*.

3. As palestras ao longe com o casal Augusto e Leonor Rosa.

Gostava agora de voltar a um conjunto epistolar específico, pertencente ao espólio da BML, já manuseado aquando da minha participação no III Colóquio, mas que me parece merecer nova atenção e, julgo, uma transcrição integral.

Estou a referir-me ao conjunto documental constituído por 122 documentos pertencentes ao género epistolar — 52 cartas, 69 postais e 1 cartão de visita — datados entre 1911 e 1933, dirigidos por Afonso Lopes Vieira ao casal Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes Rosa. Uma vez que grande parte destes textos tiveram como lugar de enunciação a Casa de S. Pedro, durante os largos períodos estivais em que ALV habitava a sua casa-nau, servi-me deles para mostrar como a actividade literária, social e cultural do escritor esteve sempre intrinsecamente ligada àquele local, coração da sua criatividade.

Desde essa altura, tenho trabalhado com especial atenção toda a correspondência para o casal Rosa, procurando estabelecer uma hipotética linha cronológica que ajude a ordenar sequencialmente e a clarificar escritos que atravessam duas das décadas mais produtivas na obra de ALV. Acrescento que os textos estão em processo de catalogação e que se encontram dispersos por 8 envelopes diferentes, o que pode dar-nos alguns indícios sobre eventuais entradas diferenciadas no espólio, embora não existam informações fidedignas sobre este assunto. Nalguns casos, e uma vez que todos os documentos já têm um n.º de registo (o que não acontecia em 1996, quando os li e trabalhei pela primeira vez), é possível detectar que o simples manuseamento dos documentos, em ordem inversa àquela em que hipoteticamente se encontravam nos envelopes antes do tratamento de identificação, foi suficiente para alterar a sequencialização cronológica inicial.

As cartas apresentam-se quase todas furadas numa das margens, estando alguns conjuntos atados por guita de algodão. Os postais apresentam idêntico tipo de arquivo, e os furos na margem são o sinal evidente de que também já terão estado atados por guitas de seda ou de algodão, como aliás acontece com outros conjuntos documentais do espólio. Do que conheço do espólio de ALV, este tipo de tratamento arquivístico revela-me a existência de uma mão feminina, provavelmente a da sobrinha de ALV, Maria da Luz Wasa de Andrade, a quem inicialmente pertenceram os direitos de autor sobre a obra de ALV, pessoa responsável por algumas das principais doações de manuscritos inéditos feitos à BML. Na ausência de registos de entrada fiáveis, a minha hipótese é que tenha sido a sobrinha a depositária destes documentos, que só terão dado entrada na BML com outros manuscritos inéditos não

identificados legados à Câmara de Leiria por Maria da Luz Wasa de Andrade, em diversas levadas, entre 1969 e 1986.

3.1. ...as raras cousas harmonicas do mundo...

Se a vida e obra de Augusto Rosa (1852-1918) está bem documentada nos estudos referentes à companhia teatral *Rosas & Brasão*, com intensa actividade e notoriedade entre os anos de 1880-1898, e se o actor é uma figura incontornável no panorama teatral do século XIX, com um livro de memórias onde se retratam episódios fundamentais para a reconstituição histórica da época (*Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, Livr. Ferreira, Março de 1915), já o mesmo se não pode dizer de Leonor de Castro Guedes Rosa. Preparado cuidadosamente por Azevedo Neves, com artísticos clichés fotográficos sobre a vida e a obra dramática de Augusto Rosa, intitulado *A Mascara d' um actor. Cabeças d' expressão* (Guimarães & C^a. editores, Lx., 1914), o volume é dedicado "À Senhora D. Leonor de Castro Guedes Rosa", referenciada no Prefácio como uma *ilustre senhora*.

Depois da morte do marido, em Maio de 1918, D. Leonor consegue mobilizar a boa vontade e os conhecimentos de ALV na área do teatro — área em que o escritor sempre tinha contado com o apoio incondicional do amigo Augusto, responsável pelas primeiras representações das peças de Gil Vicente, segundo as adaptações do escritor — para levar a cabo uma "Noite de Homenagem a Augusto Rosa", que teve lugar em 25 de Janeiro de 1926. Para além da polémica que tal consagração, levada a cabo no teatro S. Luis, levantou nos meios teatrais da época, aliada ao discurso laudatório da autoria de ALV e lido à guisa de prefácio da memorável noite, pouco mais sobrou para a história das ideias do que a transcrição de uma carta de agradecimento de D. Leonor Rosa, que se auto-intitula *viuva e humilde mulher*, dirigida à revista *Teatro*, pelo empenho colocado e pela colaboração dispensada na *Noite de Augusto Rosa*. A este episódio se faz alusão na correspondência com ALV.

Embora os primeiros postais de ALV sejam dirigidos a Augusto Rosa, rapidamente o destinatário prioritário passa a ser D. Leonor, ficando os cumprimentos e os abraços para o *amigo Augusto* reservados para o epílogo das cartas e dos postais. D. Leonor de Castro Guedes seria, seguramente, uma mulher instruída e atenta à cultura do seu tempo, a julgar pelas referências de ALV, e uma excelente leitora, se tomarmos em consideração epítetos lançados nesse sentido pelo escritor, bem como indicações e selecções de leituras recomendadas pelo poeta em resposta aos pedidos da ilustre senhora. Não estaremos muito longe da verdade se a imaginarmos *a grande mulher por trás de Augusto Rosa*, a companheira, secretária, testamentária orgulhosa em prestar pública homenagem ao falecido marido, e em lhe consagrar um busto, como indicador da importância da família Rosa na dignificação do panorama teatral no final do século XIX. Na sombra, mas harmoniosamente, D. Leonor secretariava o marido, tratava da sua correspondência, terá passado a limpo o

manuscrito das *Recordações* [...] e, subitamente privada da sua companhia, mas sentindo-se ainda capaz para o trabalho intelectual, ter-se-á oferecido ao grande amigo ALV, o íntimo *frei Afonso dos Búzios*, para lhe organizar a vasta correspondência.

Da harmoniosa amizade entre *Sóror formiga da Sé* e *frei Afonso dos Búzios* resultou a organização de cerca de metade dos volumes de correspondência até nós chegados, e uma importante troca epistolar que atravessou duas décadas e na qual ALV, entre muitos pormenores de um quotidiano menos artístico e empolgante do que ele próprio gostaria, discorre sobre projectos para o futuro e sobre a angústia da passagem do tempo. Para nós, leitores privilegiados dessas palestras ao longe entre dois amigos, ficaram-nos pinceladas imobilizadas de presente, fatias inéditas de contacto com a revelação de uma intimidade do escritor a amadurecer.

3.2. ... a arte ... não consola de tudo e a vida com projectos belos.

Deixarei para outro lugar um estudo aprofundado do núcleo de correspondência em questão, que me parece fundamental para uma maior e melhor dilucidação da figura literária de ALV. Limitar-me-ei a mostrar como D. Leonor Rosa foi uma das mais importantes confidentes literárias do escritor, a quem ALV revelava os seus projectos de trabalho, ainda quando não passavam de meros sonhos ou quimeras de difícil realização, e em quem encontrava o ombro amigo para se queixar das pequenas e grandes maleitas da saúde, do tempo, e dos homens.

Entre a correspondência trocada nos anos de 1913 e 1914, encontram-se importantes referências à organização dos Serões culturais e artísticos de Alcobaça e às diversas actividades de ALV que hão-de conduzir ao volume de 1914, *Campanha Vicentina*, bem como preocupações de ordem erudita com questões relativas ao cotejo e fixação do texto vicentino (onde transparecem as múltiplas dúvidas e as questões de pormenor tratadas com a mestra D. Carolina Michaelis de Vasconcelos); em 1915, o interesse de ALV pelo canto coral e pelo folclore musical fica sobejamente ilustrado com o empenho, primeiro circunstancial e, a pouco e pouco, genuinamente interessado, no Orfeão de Condeixa, dirigido pelo Pe. Manuel Antunes⁵, assim como se assiste ao desabrochar artístico das três irmãs Rey Colaço — Amélia, Maria e Alice — visitas da Casa de S. Pedro e apadrinhadas pelo anfitrião, tocado pela aura intelectual e artística das filhas do pianista Alexandre Rey Colaço.

Por esta altura, ALV acariciava o projecto de um livro em parceria com Matilde Bensaúde, a intitular *Mar piqueno* — título ao gosto da bióloga — ou *Flores do mar* — título mais ao gosto poético de ALV — um livro de História Natural para crianças. Embora este livro não se encontre entre os manuscritos que pude ler e trabalhar até ao momento,

⁵ Sei, por gentil informação de Aníbal Pinto de Castro, que o espólio do Museu Machado de Castro, em Coimbra, possui correspondência inédita de ALV para Manuel Antunes, mas ainda não me foi possível consultá-la.

ainda não perdi a esperança de vir a encontrar os apontamentos ou a versão manuscrita deste texto, que viria completar uma original e revolucionária obra de literatura infantil do início do século XX com um dos primeiros exemplares, científica e pedagogicamente pensados como forma de divulgação dos conhecimentos do universo marítimo destinados a crianças.

Em Setembro de 1916, ALV continuava interessado pelos projectos para crianças, e a longa referência feita à preparação de uma adaptação para a gente moça da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto tem relações evidentes com alguns apontamentos dispersos no espólio, e até com contactos que manteve com outros ilustradores e com a selecção de estampas japonesas. Já manuseei esses documentos e relaciono-os claramente com este plano não concretizado em vida do autor, que, ao que tudo indica, terá sofrido uma afinação para retratar um episódio específico das viagens de Mendes Pinto, como parece sugerir o título *Fernão Mendes no Japão*, guardado num dos autógrafos do espólio com um rascunho incipiente do prefácio delineado para esse livro.

Durante o ano de 1916, entre obras de restauro e melhoramento da Casa de S. Pedro, tolhido de dúvidas e incertezas geradas pelo clima de guerra vivido, ALV continua com *belos projectos*, entre eles o da escrita de *O Romance de Pedro e Inês*, com ressonâncias de Tristão e Isolda, o romance dos grandes amorosos da linhagem da lusitana saudade de amor. No meio de um clima geral de pessimismo e de depressão, pouco produtivo, ALV encontra alguma consolação no entusiasmo de amigos como Artur Lobo de Campos, responsável por algumas representações escolares de obras vicentinas adaptadas pelo poeta, e interpreta esses gestos como resultado de uma sementeira cultural em favor do ressurgimento do orgulho nos valores e na cultura portuguesas. Num excerto de uma longa carta de Junho de 1916 — *Diário de Bordo* a intitulou ALV — em que o desconsolo com a época e a esperança numa possível ressurreição cultural aparecem mesclados como distintas faces de um tempo conturbado, confessa:

"[...] Hoje deve ir a *Barca* na Esc. Ac. e agradar-me hia imenso q. fossem, por isso dar gosto ao L.[obo] de C.[ampos] — pobre rapaz! — e p^o. me contarem impressões do Auto pelos rapazes. Ha em Portugal uma vontade de viver e de ser português como nunca houve. Já se podem ver frutos das sementes q. deitámos a esta terra. Frutificação por vezes m^o. confusa, mas no entanto intensa e bela. [...]" [BML, A118, n^o. 54867]

Em 1918, o estado de saúde de Augusto Rosa agrava-se rapidamente, acabando o actor por falecer no início de Maio. Em 24 de Junho, ALV escreve a D. Leonor, mencionando aquilo que julgamos serem já os embriões do projecto da "Noite de Homenagem a Augusto Rosa" — impulso que demorará oito largos anos até encontrar a *época propícia* para a sua realização:

"Nossa querida Amiga

Estimámos do coração ver as letras de V. E., inda q. ellas traduzem um desconforto e um desalento aliás bem compreensíveis após uma tão temerosa crise. Vi as noticias relativas ao q. tanto nos interessa, e agora nada ha a fazer senão esperar por uma / época mais propicia às actividades, dando-se então o decisivo impulso. O q. muito

queríamos era q. o estado de espirito de V. E. se não agravasse agora de maiores tristezas.

Pedimos-lhe q. aceite as nossas mais affectuosas lembranças de amigos fieis.

24-VI-18
Affonso Lopes Vieira"
[BML, A115, n.º. 33565]

Os anos de 1919-20 são preenchidos nesta correspondência por queixas várias de ALV quanto ao modo como a política era conduzida no país e lamentos pelo estado geral de instabilidade, chegando mesmo a haver referência ao *juízo monstruoso* do amigo Hipólito Raposo, em que o escritor vestiu pela primeira e última vez a toga de advogado. A perseguição aos elementos do grupo "Integralismo Lusitano" começara por esta época, e ALV manifestava assim publicamente o seu apoio ao amigo, mas também às ideias defendidas pelo grupo.

Em 1922, o escritor está preocupado com a ressurreição de *O Amadis de Portugal*, com o prefácio tão esperado de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, com a recepção crítica feita pela imprensa da época, e com a tradução francesa que, logo no ano seguinte, consegue ver publicada. Em 1925, descreve à amiga a cerimónia em que consagrou as obras *O Romance de Amadis* e *A Diana de Jorge de Montemor*, incrustando-as numa das paredes da casa-nau, mostrando assim a importância atribuída a esses dois textos em que julgava ter devolvido à pátria dois motivos de orgulho para a literatura nacional:

"A Soror F. da Sé, querida e boa Amiga e Senhora:

Hoje inaugurei uma lápide, feita em Alcobaca por um canteiro do Mosteiro, a qual diz, em elzevires gravados na pedra:

AMADIS DIANA 1922 * 1924

A cerimónia foi brilhante: o Mar, a H.[elena] e eu. E esta memória ficou a lembrar-me, na parede da varanda onde eles foram escritos, o q. um filósofo pensou: q. a Vida tem duas maneiras de nos quebrar: — ou re- / lizando os nossos sonhos, ou negando-se a realizá-los. — Beijo as mãos de Soror F. pela sua excelente carta, q., como sempre, gostei tanto de ouvir. Hoje, o primeiro dia de Verão. Mt.º. ocupado com arranjos e apuros na caravela, q. está no estaleiro.

As melhores lembranças nossas, as mais gratas, fieis e amigas.

Frei Affonso das Ondas"
[BML, A57, n.º. 33141]

De 1925 a 1933, a troca epistolar continua a fazer-se, mas as confidências literárias de ALV reduzem-se ao mínimo indispensável, na proporção inversa em que aumentam as perguntas circunstanciais e as preocupações de amigo fiel, um amigo delicado que considera num dos bilhetes postais: "[...] A amizade de V. E. é em verdade uma obra de arte, e, como tal, perfeita no conjunto e nos pormenores. [...]" [BML, A115, n.º. 33550].

Por outra referência feita a um *álbum único* que ALV possuiria por *obra e graça de Soror Formiga* [BML, A115, n.º. 33562], atrevo-me a colocar a hipótese de que a

menção se ajuste ao I volume de *Rememrança*, valioso exemplar, verdadeiramente insubstituível para um estudo da recepção crítica da obra de ALV, com recortes da imprensa da época sobre cada um dos acontecimentos culturais em que o escritor esteve envolvido. A ser D. Leonor a organizadora deste conjunto único de fontes, só foi pena que não pudesse imaginar a falta que hoje nos fazem as identificações bibliográficas de cada um dos textos. O facto de o volume II ter ficado incompleto, e ter começado com recortes a partir de 1922, assim como a circunstância de aparecerem inúmeras referências bibliográficas, autógrafas de ALV, leva-nos a acreditar com mais veemência nessa hipótese, que transformaria D. Leonor não apenas na arquivista da correspondência do escritor, mas também na responsável pela memorização (selectiva...) para a posteridade das imagens públicas de ALV enquanto poeta consagrado e homem de cultura da época.

Soror formiga da Sé — assim a baptiza o poeta com um epíteto carinhoso como reconhecimento de um trabalho aturado e paciente que espera ainda a sua divulgação total. Se o *primoroso génio da ordem e a bela amizade [...] que o inspira* [BML, A115, nº. 35572] foram suficientes para uma mulher como Leonor de Castro Guedes Rosa nos ter aberto uma porta sobre ALV, a nossa obrigação de investigadores e amantes da História de Leiria e da sua Região é entrar por ela dentro e dá-la a ler a todos os que suspeitam ou acreditam que no estudo do passado de uma cultura sempre se encontram pontos luminosos de projectivos rumos para o presente e o futuro.

Referências bibliográficas:

- Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira* [Cartas [...]], espólio da BML, XIV volumes.
- (A) *Companhia Rosas & Brasão. 1880-1898*, catálogo da exposição de teatro no Museu Nacional do Traje, Sec. de Estado da Cultura, Dir.-geral do património Cultural, Lx., Fev. de 1979.
- Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes Rosa*, espólio da BML, documentos referenciados.
- NEVES, Azevedo [Professor da faculdade de medicina e Socio da Academia das Sciencias de Lisboa], *A Mascara d'um actor. Cabeças d'expressão*, Guimarães & C^a. editores, Lx., 1914.
- Rememrança*, espólio da BML, álbum em 2 volumes.
- Teatro. Revista de teatro e música*, ano IV, 7.^a série, "Na Consagração de Augusto Rosa. O discurso admiravel do grande escritor AFFONSO LOPES VIEIRA", Janeiro de 1926, pp. VII-IX.

Fontes Diversas:

A Companhia Rosas & Brasão. 1880-1898, catálogo da exposição de teatro no Museu Nacional do Traje, sec. de Estado da Cultura, Dir.-geral do património Cultural, Lx., Fevereiro de 1979.

Teatro. Revista de teatro e música, ano IV, 7.^a série, Janeiro de 1926.

"Na Consagração de Augusto Rosa. O discurso admirável do grande escritor AFFONSO LOPES VIEIRA", pp. VII-IX.

"Na consagração que organisámos, no Teatro de S. Luis, em honra do glorioso mestre do Teatro Português e a que, na segunda parte deste numero, fazemos alusão detalhada, pronunciou o Dr. Affonso Lopes Vieira as palavras que adeante reproduzimos. Sem pretender diminuir o valor da colaboração prestada pelos que concorreram para o valor incontestável da nossa festa, permitimo-nos destacar o nome deste nosso ilustre amigo, que foi uma das pessoas que, sem condições, pôs a sua brilhante colaboração ao serviço da homenagem a Augusto Rosa. E Affonso Lopes Vieira é um valor indiscutível que nos orgulhamos de ter tido ao nosso lado." (VII)

Punindo! drama em 2 actos, original do grande actor AUGUSTO ROSA. Esta peça foi representada na *Noite de Augusto Rosa*, em 25 de Janeiro de 1926. Os promotores foram a revista de *Teatro* e *O Domingo Ilustrado*. (fol. 17 pp.)

A "Noite de Augusto Rosa" em que conseguimos um êxito absoluto, foi um espectáculo como, no genero, até hoje, ainda se não tinha feito (pp. XVII)

Uma carta que nos honra (p. XVIII)

Da ilustre senhora D. Leonor de castro Guedes Rosa recebemos a seguinte carta, que é para nós o melhor dos títulos de recompensa pelo esforço dispendido

Exm^{os}. Senhores Directores
do *Domingo Ilustrado* e da *Revista de teatro*

Venho agradecer do coração o talento, a competencia, o esforço e o carinho com que todos promoveram, colaboraram e trabalharam para a realização da bela "Noite de Augusto Rosa".

Como sua viuva e humilde mulher que muito tem procurado manter a memoria d'este artista, a todos me confesso gratissima pelo êxito excepcional d'essa noite inolvidavel.

Sou, com toda a consideração,

De V. Ex^{as}.
Mt^o. Att^a., Ven.^{ra} e reconhecidissima
Leonor de Castro Guedes Rosa

*** Kean, de Alexandre Dumas, representada pela companhia Rosas & Brazão, tendo Eduardo Brazão no papel principal.

* *O teatro. Publicação ilustrada*, n.º 6, Maio de 1918. "Augusto Rosa" (pp. 95-6).

* NEVES, Azevedo [Professor da faculdade de medicina e Socio da Academia das Sciencias de Lisboa], *A Mascara d'um actor. Cabeças d'expressão*, Guimarães & C^a. editores, Lx., 1914. [ded. "À Senhora D. Leonor de castro Guedes Rosa"]

PREFÁCIO:

"[...] Não sabe desenho, segundo diz, mas n'um dia de doença e em pleno delirio febril, esboçou o projecto de uma joia para offerecer a sua esposa, a senhora D. LEONOR DE CASTRO GUEDES ROSA, projecto a que TEIXEIRA LOPES rendeu o maior elogio, e que foi executado pelos distinctos joalheiros REIS, do PORTO. Não é poeta, mas os chistosos postaes trocados com LOPES VIEIRA demonstram que não lhe falta o estro, nem desconhece a metrica. Não é decorador, mas dirigiu toda a ornamentação da sua casa, e os que a viram ou a conhecem atravez d'um excellent artigo de JULIO DANTAS, admiram o gosto e a arte aue a tudo presidiu. [...] 22 de Fevereiro de 1914. Azevedo Neves [XLVIII-XLIX]"

* *Memorias de Eduardo Brazão que seu filho compilou* e Henrique Lopes de mendonça prefacia, Empresa da Revista de teatro Ld^a. editora, Lx.